

SAVIANI, Demerval. *História das ideias Pedagógicas no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Autores Associados, 2010.

SAVIANI, Demerval. Da nova LDB ao novo plano nacional de educação. 2.ed.rev. São Paulo: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 33.ª ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2000.

SOUSA JUNIOR, Justino. *Marx e a Crítica da Educação*. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2010.

SOUSA, Joeline.R. ; MARTINS, I.S. *Cultura de paz: Desdobramentos do Movimento de Educação para Todos no Contexto da Crise estrutural do Capital*. In: 8ª Semana de Humanidades UFC/UECE-II Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação em Humanidades, 2011, Fortaleza.

O CORPO DA PROSTITUTA: ENTRE O DISCURSO, A VIDA COTIDIANA E A EDUCAÇÃO

José Gerardo Vasconcelos

Universidade Federal do Ceará — UFC

Verônica Gomes dos Santos

Universidade Federal do Ceará — UFC

Mulher da vida, Minha irmã. De todos os tempos. De todos os povos. Ela vem do fundo imemorial das idades e carrega a carga pesada dos mais torpes apelidos e apodos: Mulher da zona, Mulher de rua, Mulher perdida, Mulher à toa. (CORA CORALINA)

Introdução

O Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) intitula e descreve a profissão das garotas de programa como:

5198-05 — Profissional do sexo: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo.

Na descrição sumária, encontra-se: Buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão.

A presença da profissão na Classificação Brasileira de Ocupações — CBO, gerou algumas polêmicas no país,

Brasília, 04/05/2005 — Nas últimas semanas, reportagens e notas na imprensa fizeram referência à presença na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e Emprego, da ocupação de profissional do sexo, como se o Ministério, por decisão política, estivesse estimulando ou oficializando tal ocupação. Parlamentares chegaram a tentar relacionar o fato com posições políticas, o que não cabe, por se tratar de trabalho técnico, por sinal concluído e publicado ainda no governo anterior.

A prostituição pode ser definida como a troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos. Esses interesses podem ser dos mais diversos, porém o mais habitual é o dinheiro.

Para Sousa *não se pode querer abordar um estudo sobre a prostituição desprezando aspectos que podem parecer exóticos, pecaminosos ou imorais* (1995, p. 67).

A prostituição se abriga nos territórios de desejos espalhados pela capital do Ceará. Desejo de prazer, desejo de poder, desejo de sexualidade.

Tiradentes afirma que

A prostituição, em sentido lato, tem sido compreendida como um estado de promiscuidade sexual, em que os fins de concupiscência sobrepujam os da procriação. Neste sentido, alguns autores afirmam sua existência mesmo entre antropóides e outros animais. No entanto, em sentido estrito, a prostituição refere-se à prática do ato sexual com fins de lucro (p.27).

As cortesãs, nós as temos para o prazer; as concubinas, para os cuidados de todos os dias; as esposas, para ter uma

descendência legítima e uma fiel guardiã do lar. (DEMÓSTENES *Apud* FOUCAULT, 1994).

A prostituta geralmente é vista sob duas ópticas: a mulher fatal e a vítima. A figura da mulher fatal, que entende tudo sobre sexo, que é capaz de levar um homem à loucura na cama, insaciável e bela é uma das imagens da trabalhadora do sexo. Diante de todos esses atributos, as prostitutas são temidas pelas esposas. Essa mulher fatal é “sensual e misteriosa como os labirintos da cidade, porém dotada de extremo controle sobre o próprio corpo” (RAGO, 1991. p. 203). Aqui se encaixa a figura da mais bela cortesã do Rio de Janeiro do século XIX descrita por José de Alencar, Lucíola.

Elas escolhem com quem sair, e estipulam o preço que achar conveniente. Não são exploradas por cafetões ou cafetinas. Por outro lado, há a imagem de vítima. Aquela que não está ali porque quer, mas devido às condições sociais não teve alternativa. E é explorada pelo mercado. “... a prostituta traduz um ideal de libertação social e sexual da mulher (RAGO, 1991, p.201).” Em busca de aventuras, de conhecer novas pessoas, ou de novas experiências sexuais, a mulher que se prostitui se sente poderosa ao decidir o que fazer com o próprio corpo, inclusive vender o seu sexo. “A prostituta, de ser maléfico, passa a ser, para alguns, um... modelo de emancipação.” (ADLER, p.199)

Para Sousa,

No âmbito simbólico e no imaginário social, as prostitutas representam tudo o que uma esposa e mãe não poderia eventualmente ser: sensual, despudorada,

misteriosa, sem dono, livre para o sexo (SOUSA, 1995, p.69).

A conduta e os princípios da esposa são o oposto da trabalhadora do sexo, que não apenas tem relações sexuais com os homens casados ou solteiros, mas os ouve, os aconselha, e os diverte. O espaço ocupado pelas meretrizes é alegre. Gargalhadas, cheiros, música, bebidas. Um espaço verdadeiramente dionisíaco. É possível que por isso o exercício do meretrício seja considerado uma prática transgressora. Há uma ruptura com os valores burgueses.

Pode-se ainda dividir categorias de prostituição em: prostituição de luxo e baixo meretrício.

As prostitutas de classe social menos favorecida apresentam um discurso de que dentre os motivos que as levaram a escolher tal ramo de atividade se encontra a “necessidade de dinheiro, de ter como se sustentar e como sustentar seus filhos” (GUIMARÃES, 2008). Assim se apresenta o baixo meretrício, onde as mulheres cobram preços menores, fazem pontos em locais públicos e comparada a outra categoria usam roupas e acessórios de baixo custo. São mais acessíveis, menos exigentes com os clientes, e a maioria é casada e com filhos.

Por outra via, há prostitutas ditas como de luxo, que pertencem a uma classe social mais elevada ou que possuem um nível de instrução maior, aqui se incluem as universitárias, que cursam universidades privadas e pagam seu curso com o dinheiro dos programas. Essas “justificam sua prática também como uma forma de conseguir dinheiro, com a di-



Figura 1: Garota de programa que atua no Centro de Fortaleza.

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#AlbumZoom?gwt=1&uid=17699136213577214959&aid=1291654951&pid=1292266395325>. Acesso em 22.01.2011.

ferença que esse dinheiro é usado para satisfazer seus caprichos, para uma ascensão à sociedade do consumo” (idem). Tanto as vestimentas, os locais frequentados, e as exigências feitas exibem como são consumistas. Isso pode ser demonstrado nos inúmeros sites de acompanhantes. Pode verificar que com também os tipos de clientes dessas meninas são outros, assim como os motéis frequentados.



Figura 2: Garota de programa de luxo.
Fonte: www.eliteacompanhantes.com.br



Figura 3: Garota de programa de luxo¹
Fonte: <http://www.garotavip.com.br/detalhe.php?cod=717412>

Os cachês são bem mais elevados. Algumas delas falam outros idiomas e também levam acessórios sexuais para o prazer do cliente. Atendem homens, mulheres e casais.

Para a antropóloga Rita Segato (*Apud VARELLA et. al*,

Cada uma dessas formas de prostituição vai implicar um tipo diferente de relação entre mães e filhos, [...] Mas há uma coisa comum entre todas as formas de comercialização do sexo: a de que ser filho de uma prostituta na é a mesma coisa do que ser filho de qualquer outro profissional.

¹ Idade 22 anos, 1,70m, 58Kg, 105 de Quadris e cachê de 250,00

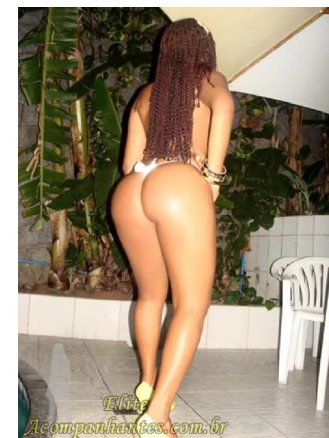


Figura 4: Garota de programa de luxo².
Fonte: <http://www.eliteacompanhantes.com.br/mulheres/ceara/ludmila-garota-de-programa-fortaleza.htm>

A existência da prostituição é fato constante e freqüente na história da humanidade. Também é popularmente chamada de ‘profissão mais antiga do mundo’. Cada uma delas tem seus motivos para entra e permanecer fazendo programa.

A pobreza geral, a miséria proletária, a promiscuidade das habitações coletivas, a falta de educação profissional e de trabalho honesto, os lares desfeitos e defeituosos, o alcoolismo paterno, a ausência de amparo material e moral à infância desviada, tudo isso, porque é miséria ou consequência da miséria, constitui a verdadeira causa da prostituição, a causa fundamental. (TIRADENTES, p.32)

Segundo Melo (2001), no Brasil, desde o século XIX essa atividade é identificada na sociedade, mas somente em 1987, por ocasião da realização do I Encontro Nacional de Prostitu-

² Ludmila, 22 anos, 1,67m, 121 de quadris. Cachê 250,00.

tas e da criação de Associações Estaduais, percebeu-se uma iniciativa mais estruturada de organização de um movimento associativo próprio, e, preocupado com a redução do estigma, do estereótipo e da discriminação ao redor da atividade. Preocupado também com a melhoria de condições de trabalho e da qualidade de vida das prostitutas, e com o estabelecimento de uma linha direta reivindicatória com organizações governamentais e não-governamentais.

O incômodo ainda é muito grande em relação as prostitutas e aos lugares de prostituição. Entretanto, não se pode fechar os olhos a existência de inúmeras vidas que se seguem e se articulam a outras tantas que participam dos prazeres e gozos de todos os dias. A busca da legalidade, do registro, do reconhecimento profissional.

Referências

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ver de ouvir: A Experiência Sensível do Corpo Lesma para o Historiador da Educação. In. *Revista Educação em Debate*, Nº 59, vol.1, ano 32. Fortaleza, 2010.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa e VASCONCELOS, José Gerardo. Entre o Corpo do Pesquisador e a Invenção da Ciência: Um outro Pensar sobre a Pesquisa. In. ADAD, S.J.H.C et alli. *ENTRE LINGUAS: Movimento e Mistura de Saberes*.

Fortaleza: EUFC, 2008. PP. 215 — 224. (Coleção Diálogos Intempestivos).

ADLER, Laure. *Os bordéis franceses (1830/1930)*. São Paulo: companhia das Letras/ Círculo do livro, 1991.

BACELAR, Jeferson. A. *A Família da Prostituta*. Ensaios 87. SP, Ática e Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.

BENEVIDES, Lourdisnete Silva. *A louvação das prostitutas do Jacuípe ao glorioso* São Roque. Dissertação de Mestrado. Salvador, BA, 2003. 190p.

CARNEIRO, Moaci Alves. *LDB: Leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. 11ª ed. — São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

FÁBREGAS — Martínez, Ana Isabel. *Na Batalha: sexualidade e poder no universo da prostituição*. Porto Alegre: Dacasa: Palmarica, 2000. 100p.

FOUCAULT, Michel. Poder — Corpo. In. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

_____. *História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres*, Rio de Janeiro, Graal, 1994.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª. edição. Rio de Janeiro, RJ. Editora Guanabara, 1988.

GUEDES, Mardônio. *Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930 – 1940)*. In: *Gênero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. (coleção fortaleza: história e cotidiano).

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental – Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

MANGUENEAU, Dominique. *O Discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

RAGO, Luzia M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Ed Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, Nickie. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro, RJ. Editora Rosa dos Tempos, 1998.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP. Autores associados, 1996.

SILVEIRA, S. C. *A família é para todos? A perspectiva de meninos institucionalizados*. In: WAGNER, A. (Coord.). *A família em cena: Tramas, Dramas e Transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. P.54 -74.

SIMON, C. P. *Prostituição Juvenil Feminina: uma aborda-*

gem compreensiva. 1999. 205p. Dissertação de Mestrado (Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto-SP.

SOUSA, Francisca Ilnar de. A Função social da prostituta. In. *Revista Educação em Debate*. Ano 17/18, n^{os} 29, 30, 31 e 32. p. 65-83.

_____. *O Cliente: o outro lado da prostituição*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto/São Paulo: Anablume, 2000.

_____. *Experiências masculinas e femininas nos territórios da sexualidade: permanências e mudanças*. 2004. 354p. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TIRADENTES, Oscar. *Fatores determinantes da delinquência feminina*. Editora Rio. Rio de Janeiro, RJ, 1978.

VASCONCELOS, José Gerardo. *Território do Prazer, Moral e Prostituição*. In: VASCONCELOS, J.G. et alli. *Lápis, Agulhas e Amores*. Fortaleza: EUFC, 2010. pp. 271 – 282. (Coleção Diálogos Intempestivos, n^o 90).